

## Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade

Zilá Bernd\*

**RESUMO:** O trabalho se dispõe a problematizar a disciplina Literatura Comparada no momento atual em que vivemos, em que tudo se desloca, tudo muda de lugar, e em que as constantes Mobilidades étnicas e culturais nos obrigam a repensar o conceito estável de Literatura Comparada, à luz de conceitos de multi, inter e trans-disciplinaridade e multi, inter e trans-culturalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** fronteiras da literatura comparada; transculturalidade; transnacionalidade, nomadismo intelectual.

**ABSTRACT:** This work wishes to problematize the subject of Comparative Literature at the moment within which we live, where everything dislocates itself, everything changes place and where constant ethnic and cultural mobilities force us to rethink the stable concept of Comparative Literature under the light of concepts as multi, inter and trans-culturality.

**KEYWORDS:** the frontiers of comparative literature; transculturality; transnationality, intellectual nomadism.

---

\* Professora do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle/Canoas e bolsista PQ/CNPq.

<sup>1</sup> O transcultural penetra, desta forma, os escritos por todos os seus poros, pois ele abre não apenas para saberes estabelecidos, mas também para saberes em gestação, a uma ignorância positiva.

Le transculturel pénètre ainsi les écrits par tous leurs pores car il ouvre non seulement à des savoirs établis mais aussi à des savoirs en gestation, à une ignorance positive (IMBERT, 2012b, p. 16).<sup>1</sup>

## Introdução

Dany Laferrière<sup>2</sup> é um dos principais autores da Literatura Migrante, denominação aplicada aos escritores cujas temáticas e imaginários situam-se no entrelugar entre o país natal e o Quebec, país de adoção de inúmeros escritores vindos das mais diferentes geografias como o Haiti (caso de D. Laferrière), China, Irã, Brasil, Itália, França, entre outros. Autor de numerosos romances, muitos deles premiados inclusive na França, D. Laferrière é um dos autores francófonos mais lidos da atualidade, tendo algumas de suas obras adaptadas para o cinema como *Vers le sud* (2006).

Em 2008, publicou um livro com o estranho título de *Je suis un écrivain japonais*.<sup>3</sup> O romance inicia com o narrador, que vive em Montreal e é leitor assíduo de Mishima e Basho, afirmando a jornalistas japoneses que escreverá um livro seguindo o estilo dos mestres japoneses. Sob esse estilo jocoso e bem humorado, D. Laferrière discute mais uma vez a questão das etiquetas que os críticos e historiadores da literatura costumam colar aos escritores. Ele mesmo recusa-se a ser considerado escritor quebequense, haitiano ou mesmo migrante. Prefere dizer que é um escritor americano (no sentido amplo que designa as três Américas) que escreve em francês. Em outro romance, intitulado *Je suis fatigué*<sup>4</sup> (2005) ele se declara cansado das nomenclaturas e dos constrangimentos a que são submetidos os escritores para que definam suas pertencas nacionais. Praticando o ir e vir cultural entre Haiti e Quebec, mas também viajando através da imaginação por diferentes culturas, como as orientais, o autor sente-se mais confortável auto-proclamando-se escritor americano ou universal: “Je suis trop ambitieux pour appartenir à un seul pays. Je suis universel”<sup>5</sup> (2005, p.222)

Estamos aqui diante do questionamento da impossibilidade, em um mundo globalizado, onde as mobilidades, os trânsitos, os fluxos migratórios e culturais são constantes, de se pensar as literaturas de forma estanque, como fazíamos até bem recentemente, e de estruturar os cursos de letras de nossas universidades, segmentando (e confinando) as literaturas ao espaço

---

<sup>2</sup> Nascido no Haiti em 13 de abril de 1953, é escritor e jornalista radicado na província do Quebec (Canadá).

<sup>3</sup> Sou um escritor japonês. Esse livro ainda não possui tradução para o português.

<sup>4</sup> Estou cansado. Sem tradução para o português.

<sup>5</sup> Sou muito ambicioso para pertencer a um só país. Eu sou universal.

nacional ou linguístico. Diante do ritmo vertiginoso com que proliferam as transferências culturais, sobretudo com o advento da *internet* e de novas formas de comunicação via redes sociais, urge que (1) enfrentemos as questões ligadas ao alargamento das fronteiras, que colocam em xeque o conceito de identidade nacional; (2) repensemos conceitos e práticas da Literatura Comparada.

Nesse sentido, o comparatista hoje deve ficar atento a novas propostas que ampliam, esgarçam e afrontam as fronteiras do pensamento humano, como as de Kenneth White, que nos fala de **nomadismo intelectual**, em busca de um novo campo cultural onde “as energias circulariam mais livremente” (White, 1987, p. 9). Para o filósofo, o intelectual nômade

*[...] n'est pas l'intellectuel universel, dont le dernier grand représentant était, bien sûr Hegel. Il n'est pas non plus l'intellectuel social (on peut penser à Sartre). Il est mondial. Ne visant ni la possession d'un "univers" ni une efficacité socio-politique immédiate, il s'éjouit dans un monde qui a ses failles, ses béances, ses abruptitudes, ses surgissements subits (1987, p. 14).<sup>6</sup>*

Voltemos então à provocação de D. Laferrière que se quer, sem dúvida, um nômade intelectual, podendo eleger livremente sua ancestralidade intelectual, como o estilo dos escritores japoneses que ele admira. O autor não admite ficar preso a etiquetas que determinariam de antemão sua temática e regeriam o estilo de seus romances.

Na mesma linha de raciocínio, o poeta e também crítico literário do Quebec, Pierre Ouellet, faz o elogio do “*esprit migrateur*” (espírito migrante) no qual ele amplifica a denominação de migrante (restrita aos escritores imigrantes chegados ao Quebec), considerando que todo e qualquer escritor é um migrante, mesmo os mais sedentários, já que as viagens da imaginação, a visitação a autores de variadas geografias e os movimentos intersubjetivos entre o eu e o outro caracterizam uma forma de migrância. Para o autor, a noção de migrância é preferível à de hibridação ou mestiçagem, pois *migrare* em latim designa, ao mesmo tempo, “mudança de lugar”, “transporte de um lugar a um outro” e também o ato de transgredir (cf. OUELLET, 2005, p. 18-19).

---

<sup>6</sup> Não é o intelectual universal, cujo último grande representante foi, com certeza, Hegel. Também não é o intelectual social (podemos pensar em Sartre). Ele é global. Não visando nem a posse de um “universo” nem uma eficácia sócio-política imediata, ele se rejubila em um mundo que tem suas fendas, suas aberturas, suas situações abruptas e ressurgimentos súbitos.

A Literatura Comparada, hoje, deve, portanto, levar em conta a extraordinária movência da contemporaneidade e as passagens inter e transculturais que estão na gênese das literaturas em escala planetária, mas, sobretudo, das literaturas das Américas, cujo passado colonial e escravocrata foi marcado por intensas transferências multi, inter e transculturais, de onde extraíram características de heterogeneidade e inovação.

### **Literaturas migrantes, transnacionais, braconagens ou littérature-monde (globalizada)?**

#### **Literaturas Migrantes**

Face às dificuldades de atribuir critérios de territorialidade ou linguísticos, a autores como Nancy Huston, por exemplo, que nascida no Canadá, vive na França onde escreve em inglês e francês; ou aos autores desterritorializados devido a processos de exílio ou imigração, teorias contemporâneas começam a propor diferentes apelações para estas literaturas surgidas dos trânsitos territoriais e linguísticos e das mobilidades culturais. A apelação “literatura migrante” tornou-se a mais usual a partir da publicação de *L'écologie du réel*, de Pierre Nepveu, em 1988. Para o poeta e ensaísta de Montreal, o imaginário migrante é aquele que se apresenta dilacerado entre o “próximo e o longínquo, o familiar e o estrangeiro, o semelhante e do diferente” (1988, p. 199-200). Esta apelação irá impor-se, sobretudo, no âmbito da cultura francófona do Canadá.

#### **Literaturas transnacionais**

No contexto anglófono do Canadá, Janet Paterson, da Universidade de Toronto, em texto publicado em 2008, pergunta-se se a melhor denominação seria “literaturas migrantes” ou “literaturas transnacionais”. Segundo Paterson, as literaturas ditas migrantes se constituiriam em discursos da perda identitária, tendo como *light motif* a lamentação pelo desenraizamento ocasionado pelo exílio. Já as narrativas transnacionais se caracterizariam menos

por uma postura nostálgica em relação a perdas, e mais pela tentativa de vislumbrar, na nova vida no país de acolhida, ocasiões para trocas e enriquecimentos propícios à formação de identidades híbridas.

O que constatamos, no estágio atual dos estudos culturais, é que tais discussões esvaziam-se progressivamente de sentido na medida em que todo escritor é nômade no plano de seu imaginário. Face à rapidez vertiginosa com que ocorrem os deslocamentos culturais, para além da fragilidade da noção de fronteiras e de nacionalidades, o melhor seria falar do surgimento de **estéticas transculturais**, abertas a interações e, por consequência, à criação do novo.

Situa-se nessa mesma linha de argumentação, M. Krzykowski, em publicação recente (2013), em que se posiciona em defesa de uma escritura desterritorializada. “Nesse mundo que se quer ‘glocal’, onde os estados-nação pertencem ao passado, a identidade torna-se uma palavra pesada e os centros cedem lugar às margens, o migrante é aquele cuja situação identitária incerta seria digna de inveja” (p. 335).<sup>7</sup>

Já em 2005, Simon Harel, em *Passages obligés de l’écriture migrante*, e Pierre Ouellet, em *L’esprit migrateur*, ao afirmarem que todos os escritores são migrantes, decretaram, ao menos tempo, o fim dessa denominação que, embora tenha tido a importância de valorizar a alteridade, acabou lançando sobre os autores “*venus d’ailleurs*” (vindos de fora) um olhar que tangenciava o exotismo.

### Braconagens

Se toda literatura atual é feita de **braconagens**, ou seja, de apropriações do que está além das fronteiras, e se a literatura hoje é forma privilegiada de afrontar toda sorte de fronteiras: identitárias, territoriais, linguísticas e culturais, o que se verifica, é a fragilidade das teorias e da própria Literatura Comparada em abarcar essas manifestações heterogêneas que se entrecruzam nas produções literárias atuais. É preferível, portanto, pensar o literário não em termos de pertença identitária a uma mesma origem ou filiação, seja ela familiar ou nacional,

---

<sup>7</sup> “Dans ce monde qui se veut ‘glocal’ dès que les états-nations appartiennent au passé, l’identité est un mot lourd et les centres cèdent la place aux amrges, Le migrant est celui dont la situation identitaire seriat digne d’envie”.

étnica, ou linguística, cultural ou religiosa, mas em termos de partilha de vestígios memoriais, de imaginários e de sensibilidades que não pertencem a uma comunidade em particular, mas que foram sendo adotados e/ou apropriados por artistas e escritores ao redor do mundo, constituindo um formidável palimpsesto (cf. BERND, 2011, p. 155).

### Littérature-monde (global)

Seria interessante pensar em como reagiria um comparatista tradicional, vinculado às categorias de “uma nação, uma língua”, por exemplo, ao recente “manifesto” da *Littérature-Monde* que pretende, em última análise liberar a língua de seu pacto com a nação. Em suma, quarenta escritores premiados e editados por editoras de prestígio na França (como Nancy Huston, Edouard Glissant, Maryse Codé, Jacques Godbout, Tahar Ben Jelloun, Dany Laferrière, entre outros) se insurgem contra a centralidade francesa de chamá-los de “francófonos”, porque são originários dos países onde a língua francesa é língua oficial. Reivindicam que a literatura que produzem seja considerada “global” (*mondial* em francês), pois consideram uma espécie de preconceito só serem considerados como fazendo parte do cânone francês os escritores nascidos na França. Se a Francofonia, de fato, abrangesse todos os que falam e escrevem em francês, teriam que ser incluídos aí também os autores da chamada Literatura Francesa. Proclamando-se parte da *Littérature-monde*, os autores signatários do manifesto, liderados por M. Le Bris, declaram o fim da francofonia, “se definirmos por esse termo, um espaço sobre o qual a França, mãe das artes, depositária do universal (vejam quanta ironia!!), dispensaria suas luzes. Fim desta francofonia e nascimento de uma literatura-global em francês” (Le BRIS, 2007, p.45).<sup>8</sup>

Semelhante postura adota o S. Rushdie, em *Pátrias imaginárias* (1992), reivindicando o estatuto de escritor internacional por não aceitar as etiquetas de “escritor britânico de origem indiana”. Como escritor internacional, estaria livre para assumir como seus ancestrais escritores huguenotes, irlandeses, judeus etc., ou seja, o escritor

---

<sup>8</sup> “Oui, si on entend par là un espace sur lequel la France, mère des arts, dépositaire de l’universel, dispenserait ses lumières. Fin de cette Francophonie là, et naissance possible d’une littérature-monde em français.”.

reivindica uma identidade ao mesmo tempo plural e parcial, já que os escritores diaspóricos têm a sensação de estarem a cavalo sobre duas ou mais culturas.

Tal seria a missão da Literatura Comparada hoje: imaginar as literaturas como produtos de comunidades baseadas não mais no princípio de identidade (nacional, linguística, cultural etc), mas na “experiência da alteridade mais radical” (OUELLET, 2007, p. 26).<sup>9</sup>

### Literatura comparada ou estéticas transculturais?

Patrick Imbert salienta a importância do caráter relacional compreendido no conceito de transculturação ou de transculturalidade que visa à “recomposição do mundo no reconhecimento das exclusões cometidas pela dominação dos mitos das origens como do mito do progresso” (2012b, p. 27)<sup>10</sup>. De onde a valorização que o autor faz da perspectiva transcultural que nos permite avaliar os processos relacionais que ocorrem na aproximação das culturas, nos quais é possível perceber o impacto da cultura A sobre a cultura B, mas também o seu contrário: o quanto a cultura B impacta por sua vez a cultura A, gerando processos culturais até então inéditos. Se optarmos por essa via de análise, nos colocamos em uma posição privilegiada que viabiliza releituras e recontextualizações, flagrando o lugar de encontro das culturas e o processo dialógico que esse encontro propicia, ou seja, a perspectiva transcultural nos autoriza a acompanhar nos textos literários os processos de negociação que se estabelecem quando duas linguagens, duas maneiras de ver o mundo e dois estilos se cruzam. Lembremos que o prefixo *trans* está também presente em vocábulos como transação, ou seja, negociação, “lógica de base contratual, baseado em concessões recíprocas” (cf. FERREOL; JUCQUOIS, 2003, p. 339).<sup>11</sup>

A perspectiva transcultural (*trans*: ir além, ultrapassar) favorece a implosão dos binarismos implícitos a um conceito tradicional de Literatura Comparada, promovendo o entrecruzamento fertilizador, a valoração da diversidade, o reconhecimento de alteridades e, sobretudo, ensejando dinâmicas relacionais. Nesse sentido, mais importante do que rotular as produções

<sup>9</sup> L'expérience même de l'altérité la plus radicale.

<sup>10</sup> “La recomposition du monde dans la reconnaissance des exclusions commises par la domination des mythes des origines comme du mythe du progrès.”

<sup>11</sup> “logique de type contractuel, basé sur des concessions réciproques”.

ficcionais migrantes ou transnacionais é acolhê-las como **estéticas transculturais** que emergem da travessia das diferentes culturas e da utilização criativa dos vestígios e rastros memoriais, cujas brechas são preenchidas pela força imaginativa dos escritores.

### Concluindo

Nos idos de 1992, Wlad Godzich, à época professor do Departamento de Literatura Comparada da Université de Montréal, se questionava sobre a viabilidade do exercício da Literatura Comparada, tomando como *corpus* o Brasil e o Quebec. Ele se perguntava se, no âmbito da Literatura Comparada como disciplina estável, a perspectiva comparada interamericana poderia se desenvolver. Segundo o autor, a Literatura comparada é eurocêntrica, assumindo as “grandes” literaturas europeias (francesa, alemã, espanhola, portuguesa) como paradigmas e suas práticas estilísticas como o *tertium comparationis*. Na comparação com literaturas em emergência, como as literaturas das Américas, que têm sua origem nessas mesmas literaturas, mas mestiçadas com as culturas autóctones, os estudos comparados tradicionais, alicerçados nas “fontes e influências” que as literaturas dos grandes centros hegemônicos exerciam sobre as da periferia, tenderiam a considerar as literaturas periféricas como “inferiores” em relação às do centro.

Leyla Perrone-Moysés (1992) aponta as teses de M. Bakhtin, sobre o dialogismo, e posteriormente as de J. Kristeva, sobre a intertextualidade, as quais, no seu entendimento, tenderam a subverter a Literatura Comparada de base tradicional por substituírem o esquema tradicional de buscar diferenças e semelhanças entre as obras analisadas, pela ênfase bem mais profícua nos “produtos e processos” (1992, p. 183). A culminância para tal ruptura foram os pressupostos contidos no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade, que nos perdoava (a nós, americanos) do pecado original de haver copiado, privilegiando a busca das “diferenças, das transformações, das absorções e das integrações que tornam secundária a noção de influência” (1992, p. 183).<sup>12</sup> Muito sábios os ensinamentos de Perrone-Moysés, na medida em que

---

<sup>12</sup> No original em francês: “des différences, des transformations, des absorptions et des intégrations qui rendent secondaire la notion d’influence”.



a análise dos “produtos e processos” desloca o eixo da centralidade, fazendo com que as literaturas das Américas se declarem centrais a si mesmas. O que importa são os “produtos”, necessariamente híbridos ou mestiços, e os “processos”, necessariamente transculturais, pois, do contato entre culturas autóctones, africanas e europeias, surge a inovação e a imprevisibilidade.

Em uma etapa ainda mais recente com as releituras das teorias sobre a transculturação, a Literatura Comparada em suas formas teóricas e pedagógicas “tende a enfraquecer-se, abrindo-se a pesquisas ligadas aos estudos culturais” (IMBERT, 2012b, p. 10).<sup>13</sup> O que assistimos presentemente, sublinha P. Imbert, escritor e pesquisador da Universidade de Ottawa, é um grande encontro de poéticas, de imaginários, resultando em um processo de mestiçagem de formas e de gêneros. Cita também, com base em releituras de textos de Édouard Glissant, a crioulização, a hibridação progressiva e a interpenetração de gêneros literários na contemporaneidade, de modo que um ensaio pode conter trechos ficcionais ou poéticos e um romance pode intercalar passagens ensaísticas ou jornalísticas, entre outras mesclas possíveis.

P. Imbert, em *Le transculturel et les littératures des Amériques*, cujo objetivo foi justamente o de problematizar e repensar a Literatura Comparada no âmbito das relações literárias nas Américas, conclui que

*[...] la littérature comparée ne peut rendre compte pleinement des dynamiques des Amériques car elle ne permet guère de mettre en valeur les instants de coïncidence, les instants ou quelque chose peut se produire, car dans le Nouveau Monde on s'attend toujours à ce que quelque chose se produise (2012b, p. 14).<sup>14</sup>*

<sup>13</sup> No original em francês: “tend à s'étioler pour ouvrir à des recherches liées aux études culturelles”.

<sup>14</sup> A literatura comparada não pode dar plenamente conta das dinâmicas das Américas, pois ela não permite a valorização dos instantes de coincidência, dos instantes onde algo pode se produzir, pois no Novo Mundo espera-se sempre que algo se produza.

Constatamos que o paradigma estável da Literatura Comparada, tal como surgiu no século XIX, não responde mais às contingências da pós-modernidade e da globalização. Saliente-se, contudo, que a maioria dos pesquisadores da pós-modernidade já propõe outras definições da disciplina com base, sem dúvida, na observação das práticas contemporâneas:

A Literatura Comparada pode ser compreendida como um campo interdisciplinar cujos “praticantes” estudam

literatura transversalmente às fronteiras nacionais, ao tempo, às línguas, aos gêneros, aos limites entre a Literatura e as demais artes, assim como qualquer outra disciplina (literatura e psicologia, filosofia, ciências, história, arquitetura, sociologia e política).<sup>15</sup>

Fica evidente que é na transversalidade que deve ser praticado o viés comparatista, devendo inserir-se em uma rede aberta que privilegia os questionamentos em detrimento de respostas definitivas; os rastros e os detritos memoriais, isto é, o que ficou à margem, em detrimento do que está no fluxo principal (*mainstream*). É preciso, hoje, valer-se de um oxímoro para falar de Literatura Comparada: trata-se de uma disciplina, ou melhor, de um vasto campo inter, multi e transdisciplinar pautado por paradigmas inquietos...

Afrontando as fronteiras da Literatura Comparada, efetuam-se passagens do nacional ao transnacional, e da transnacionalidade à **transculturalidade**, que pode ser definida como

[...] o entrelaçamento das identidades culturais que se definem e se transformam em ressonância umas com as outras, bem como a competência dos indivíduos em interagir simultaneamente em vários fluxos ou universos culturais ao mesmo tempo, os quais não podem mais ser entrevistados na sua separabilidade ou diferenciação intrínseca, mas são considerados como sendo comunicantes. (BENESSAIEH, 2012<sup>a</sup>, p. 85).<sup>16</sup>

O valor agregado da transculturalidade em relação à multi e à interculturalidade, por exemplo, é que, enquanto essas últimas consistem em uma visão clássica da cultura como entidade fechada, “diferenciada e estável e sobretudo separável de qualquer outra”<sup>17</sup>, a transculturalidade focaliza as culturas como “trajetórias coletivas altamente permeáveis e em contínua mobilidade”<sup>18</sup> (BENESSAIEH, 2012<sup>a</sup>, p. 85).

Se a Literatura Comparada **hoje** vier a realizar essa ultrapassagem do enfoque tradicional estável das nacionalidades para o enfoque móvel e aberto à diversidade e à relação, representado pela transculturalidade, então penso que podemos continuar a nos considerarmos comparatistas. Caso não o faça, deixando de alargar as

<sup>15</sup> Literatura comparada. Verbete da Wikipédia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura\\_comparada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_comparada)>. Acesso em 24/05/2013

<sup>16</sup> L'entrelacement des identités culturelles qui se définissent et se transforment en résonance les unes avec les autres, ainsi que la compétence d'individus à interagir simultanément dans plusieurs flux ou univers culturels à la fois, lesquels ne peuvent plus être entrevus dans leur séparabilité ou différenciation intrinsèque, puisque considérés comme étant communicants.

<sup>17</sup> Différenciée, stable et surtout séparable de toute autre.

<sup>18</sup> Trajectoires collectives aux contours hautement perméables et en continuelle mobilité.

novas fronteiras transculturais, deixará de ser competente para analisar os constantes processos de crioulização e as relações hipertextuais que são metaforizados pelos textos ficcionais e poéticos de nossa contemporaneidade.

### Referências

- BENESSAIEH, Afef. Après Bouchard-Taylor: multiculturalisme, interculturalisme et transculturalisme au Québec. IN: FONTILLE, B.; IMBERT, P (Orgs.) *Trans, multi, interculturalité; trans, multi, interdisciplinarité*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2012a.
- BERND, Zilá. Colocando em xeque o conceito de identidade nacional. IN: \_\_\_\_\_. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: editora da Universidade/UFRGS, 2011. 3. edição revista e aumentada. p. 145-157.
- FERREOL, G.; JUCQUOIS, G. (Orgs.) *Dictionnaire d'altérité et des relations interculturelles*. Paris: Armand Colin, 2003.
- FONTILLE, B.; IMBERT, P (Orgs.) *Trans, multi, interculturalité; trans, multi, interdisciplinarité*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2012a.
- GODZICH, Wlad. Brésil-Québec: à la recherche du *tertium comparationis*. IN: PETERSON, M.; BERND, Z. (éds.) *Confluences littéraires: Brésil-Québec, les bases d'une comparaison*. Candiac: Balzac, 1992. p. 41-56. (Collection L'Univers des Discours)
- HAREL, Simon. *Les passages obligés de l'écriture migrante*. Montreal: XYZ, 2005.
- IMBERT, Patrick, org. *Le transculturel et les littératures des Amériques: Le Canada et les Amériques*. Ottawa: Université d'Ottawa, 2012b.
- IMBERT, P. org. *Américanité, culture francophone canadiennes et société des savoirs: Le Canada et les Amériques*. Ottawa: Univ. d'Ottawa, 2006.
- KRZYKAWSKI, Michal. (Im)migrant vs. Nomade. Pour eu théorie de l'écriture déterritorisée. IN: ERTLER, K.D.; IMBERT, P. (éds.) *Cultural Challenges of Migration in Canada/Les défis de la migration au Canada*. Frankfurt: Peter Lang, 2013. p. 333-342. (Collection Canadiana, 12).
- LAFERRIERE, Dany. *Je suis um écrivain japonais*. Montreal: Boreal, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Je suis fatigué*. Montreal: Typo, 2005.
- LE BRIS, M.; ROUAUD, J. (Orgs.) *Pour une littérature-monde*. Paris: Gallimard, 2007.

LITERATURA Comparada. Verbete da Wikipédia. Disponível em: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura\\_comparada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_comparada)>. Acesso em maio de 2013.

MOYSÈS, Leyla Perrone. Littérature comparée, intertexte et anthropophagie. IN: PETERSON, M.; BERND, Z. (éds.) *Confluences littéraires: Brésil-Québec, les bases d'une comparaison*. Cadiac: Balzac, 1992. p. 177-187. (Collection L'Univers des Discours)

MORENCY, Jean. Do centro às margens: a experiência das fronteiras no romance americano e quebequense. Trad. Luciano Passos Moraes. In: *Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Letras da FURG, Série traduções*. Rio Grande, n. 4, jan. 2009. 19 p.

NEPVEU, Pierre. Écritures migrantes. IN: ..... *L'écologie du réel*. Montréal: Boreal, 1988.

OUELLET, Pierre. *L'esprit migrateur*; essai sur Le non-sens commun. Montréal: VLB, 2005.

\_\_\_\_\_ Le principe de l'altérité. IN: OUELLET, P.; HAREL, S. (Orgs.) *Quel autre? L'altérité em question*. Montreal: VLB, 2007, p. 7-43. (Col. Le soi et l'autre).

PATERSON, Janet. Identité et altérité: littératures migrantes ou transnationales? *Interfaces Brasil-Canadá*, n. 9, Rio Grande: FURG/ABECAN, 2008, p. 87-102. Disponível também on line: <[www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/interfaces](http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/interfaces)>.

WHITE, Kenneth. *L'esprit nomade*. Paris, Grasset, 1987.